

**O ponto de virada: tomar decisões para qualificar a
Educação Infantil de bebês e crianças até três anos**

Área: Educação Infantil - Creche

Selecionador: Maria Paula Zurawski

Categoria: Professor

O ponto de virada: tomar decisões para qualificar a educação infantil de bebês e crianças até três anos

O que mudou na Educação Infantil de crianças até três anos no Brasil até hoje? É preciso refletir. A Resolução CNE/CEB nº 5/2009, que fixa as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI)¹, apresenta uma concepção de Educação Infantil contemporânea, avançada, que enfatiza “a transição do entendimento da creche e da pré-escola como um favor aos socialmente menos favorecidos para a compreensão desses espaços como um direito de todas as crianças à educação, independentemente do seu grupo social”. Isso quer dizer que a creche atualmente pode ser muito mais que um benefício para as famílias que trabalham e que precisam deixar seus filhos aos cuidados de outrem: são *as crianças* que têm direito a um atendimento de qualidade em nossas creches.

É importante considerar o quanto esse novo paradigma influi na qualificação dos ambientes e nas relações vividas pelas crianças que frequentam a creche. Se são elas o sujeito de direito desses espaços, estes deveriam se constituir, cada vez mais, em locais nos quais a criança é protagonista: ambientes que privilegiem a estimulante convivência de bebês e crianças pequenas, bem como que contemplem as especificidades da faixa etária no que diz respeito à construção de conhecimentos.

Mesmo antes das DCNEI, documentos oficiais como os “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”², organizado por Campos e Rosemberg (2009) já propunha indicadores para creches e escolas refletirem sobre a qualidade do seu atendimento às crianças pequenas. Neste importante documento, são propostos doze temas de atenção para a avaliação destes ambientes:

1. O direito das crianças à brincadeira;

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (2009). Câmara de Educação Básica. Parecer nº 20, de 17 de Dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE, 2009.

² CAMPOS, M.M. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças / Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg. – 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

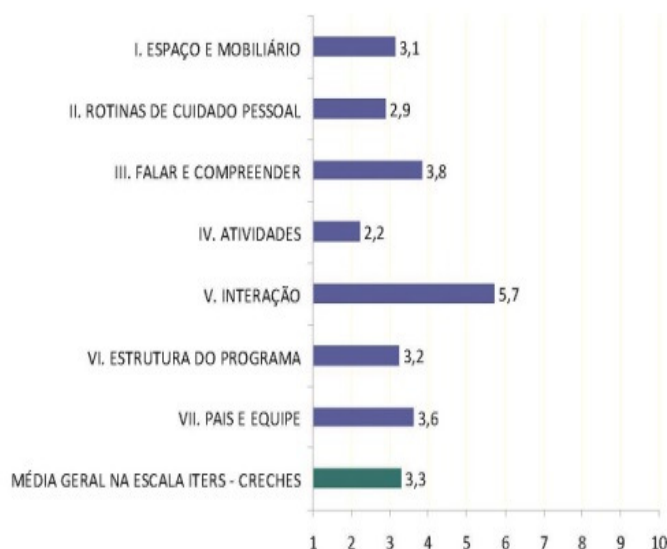
2. *O direito das crianças à atenção individual;*
3. *O direito das crianças a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante;*
4. *O direito das crianças ao contato com a natureza;*
5. *O direito das crianças à higiene e à saúde;*
6. *O direito das crianças a uma alimentação sadia;*
7. *O direito das crianças a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão;*
8. *O direito das crianças à movimentação em espaços amplos;*
9. *O direito das crianças à proteção, ao afeto e à amizade;*
10. *O direito das crianças a expressar seus sentimentos;*
11. *O direito das crianças a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche;*
12. *O direito das crianças a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa.*

Uma forma de avaliar as condições existentes para o atendimento desses objetivos tem se iniciado. Em 2010, a Fundação Carlos Chagas divulgou os resultados da pesquisa *Educação Infantil no Brasil: avaliação qualitativa e quantitativa*³, realizada em 2009 e 2010 em seis capitais brasileiras. A escala utilizada na avaliação de creches incluía um roteiro de observação reunindo sete subescalas (*Espaço e mobiliário; Rotinas de cuidado pessoal; Falar e compreender; Atividades; Interação; Estrutura do programa; e Pais e equipe*). Na pesquisa, as instituições observadas pelos pesquisadores podiam receber pontuações, para cada um desses itens, variando de 1 a 7 pontos, onde 1 correspondia ao nível de qualidade *inadequado*, 3 ao *mínimo*, 5 ao *bom* e 7 ao *excelente*. A média das pontuações atribuídas ao conjunto de itens que compunham cada uma das sete subescalas indicava o nível de qualidade do atendimento da instituição.

³ Disponível em

http://www.fcc.org.br/pesquisa/eixostematicos/educacaoinfantil/pdf/relatorio_final.pdf

Gráfico 1 – Média geral e médias nas subescalas da escala ITERS-R – Creche



Os dados revelados são preocupantes. Praticamente metade das creches avaliadas (49,5%) a partir desses critérios encontrava-se em nível *inadequado*; e 37,4% delas no nível *mínimo*. Apenas 12,1 % das creches puderam ser consideradas no nível *adequado* e apenas 1,1 % puderam ser consideradas no nível *bom*.

Tabela 2 – Critérios de pontuação e classificação adotados na pesquisa

CLASSIFICAÇÃO	TOTAL DE PONTOS
INADEQUADO	1 -----3
BÁSICO	3 -----5
ADEQUADO	5 -----7
BOM	7 -----8,5
EXCELENTE	8,5 -----10

Para os pesquisadores, a subescala que apresentou maiores preocupações foi a das *atividades*, item que, na pesquisa, relaciona-se àquilo que de fato acontece nos ambientes das creches, envolvendo as crianças e seus professores, nas práticas que traduzem o projeto pedagógico das instituições. E é esta a questão que nos interessa neste artigo.

No que o reconhecimento da importância da creche como instância educativa, bem como o do direito de todas as crianças a ela, tem influenciado as experiências que vivem na creche? Como são contempladas e planejadas por seus educadores e educadoras? A partir de que concepção? O que estarão aprendendo as crianças?

Apesar de todas as conquistas na área, da maior qualificação profissional e da exigência de formação em nível superior para os educadores e educadoras, ainda é muito forte o modelo organizador de rotinas pensado a partir da comodidade e conveniência dos adultos - e não das crianças. São rotinas pensadas prioritariamente em torno dos momentos de cuidado e alimentação – que, por todo o país, continuam sendo as trocas, banhos e refeições –, mas não porque sejam vistos como oportunidades especiais de delicadas aprendizagens para as crianças, e sim marcados pela urgência e pela maior competência do adulto em atender a todos. Ou seja, o foco ainda está no adulto e na valorização da *sua* eficiência, não na valorização das experiências infantis, nem da potência das crianças.

Mas como “trocar o foco”? Como mudar? Em quanto tempo? Com tudo o que já avançamos na compreensão da importância dos três primeiros anos na vida das crianças, por que os ambientes coletivos de convivência entre crianças pequenas parecem ainda não considerar o que é característico da faixa etária e continuar ignorando a riqueza de desafios que as crianças pequenas propõem a seus educadores e educadoras?

É importante lembrar que algumas vezes as famílias também valorizam mais os cuidados físicos, de alimentação e saúde das crianças que suas oportunidades de construir conhecimentos e de aprender sobre si e sobre o mundo. Outra pesquisa recente, realizada pelo Ibope⁴ com mais de 2 mil mães e pais de diferentes cidades dos estados brasileiros, mostra que 53% deles acreditam que as crianças só começam a aprender no mínimo depois dos 6 meses de idade. Ou seja, a cultura de que o bebê não precisa de muito mais do que cuidados físicos é ainda muito forte e certamente influencia as decisões das instituições sobre sua gestão e organização de ambientes,

⁴ *Primeiríssima Infância: da gestação aos três anos. Percepções e práticas da sociedade brasileira sobre a fase inicial da vida.* Org. Eduardo Marino e Gabriela Aratangy Pluciennick. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2013. Disponível em <http://www.fmcsv.org.br/pt-br/acervo-digital/Paginas/Primeir%C3%ADssima-Inf%C3%A2ncia---uma-pesquisa-da-FMCSV-e-Ibope.aspx>

bem como o que é privilegiado na formação de seus educadores. De qualquer modo, atividades como a leitura de histórias, o contato com os livros, as conversas significativas com as crianças sobre as coisas que elas vivem, ou mesmo oportunidades organizadas para que elas tenham contato com a natureza, explorar misturas ou realizar receitas culinárias ainda não são vistas como importantes pela maior parte dos pais das crianças pequenas que frequentam creches.

Onde estará o ponto de mudança? O ponto de virada? Descobri-lo, e, principalmente, tomar decisões no sentido de realmente transformar ambientes e práticas é o grande desafio, sobretudo porque a responsabilidade por essa situação não é somente dos professores e professoras, mas da compreensão e consideração que as políticas públicas federais e municipais têm dedicado a esta etapa da educação básica, o que certamente influencia as formas de gestão das instituições que atendem crianças até três anos.

De qualquer modo, é possível mudar – tomar decisões objetivas e perseguir seus resultados, eleger prioridades e acompanhar o desenvolvimento dessas mudanças com o auxílio de um bom plano de gestão podem ser bons começos. Reorganizar as formas de atendimento às crianças pequenas é desafiador, mas não impossível. Experiências bem sucedidas comprovam isso. Uma possibilidade pode incidir, por exemplo, no horário dos banhos das crianças. Estes não precisam se concentrar numa mesma faixa de horário diária, mas distribuir-se ao longo do dia. Uma criança que, por exemplo, fez um cocô mais copioso no início do dia pode ser banhada nesse horário, e não necessitará de outro banho. O fato de não concentrar o atendimento aos cuidados num único horário para todas as crianças pode contribuir para o enriquecimento de atividades coletivas, da flexibilização das rotinas – contemplando o melhor aproveitamento dos espaços internos e externos – e para a qualificação dos espaços, com mobiliário, brinquedos e materiais que incentivem as interações de crianças em atividades que não necessariamente sejam coordenadas exclusivamente pelos professores.

Quanto às famílias, a ideia de parceria apresentada nas DCNEI pode incentivar que o projeto pedagógico e as propostas de mudanças sejam planejadas, explicitadas, compartilhadas e posteriormente avaliadas por todos, em encontros como as reuniões

de pais e conselhos. Nesse caso, a documentação dos processos de mudança é fundamental e, diante do importante objetivo de qualificar as práticas visando às boas experiências das crianças, ganha um significado maior: fazer relatórios, fotografar e registrar em vídeos deixa de ser uma atividade “pró-forma” e passa a ter uma importância na história da instituição, das crianças e de suas famílias.

De todo modo, algumas considerações podem ser feitas no sentido de estimular a reflexão sobre por onde, quando e por que começar a pensar em mudanças.

1 – Considerar as formas de estar no mundo das crianças pequenas

Um importante ponto de partida para a transformação de práticas e ambientes de nossas creches é considerar as formas de conhecer e aprender dos bebês e das crianças até três anos. As crianças pequenas *estão no mundo* – elas não o representam, elas o vivem. Seu tempo é diferente do tempo dos adultos: a criança pequena não se afasta da experiência que está vivendo, está sempre, intensamente, implicada nas situações. Saber disso pode ajudar a mudar substancialmente nossas formas de interagir com elas e de planejar boas atividades na creche. Aliás, considerar isso é uma das marcas de algumas abordagens de cuidado e educação atuais de crianças pequenas, como a de Pikler-Lóczy em Falk (2004); e a ideia de brincadeira heurística, de Elinor Goldschmied (2006).

É preciso também positivar nosso modo de ver a criança – buscar compreendê-la por aquilo que ela é, pela forma como está no mundo, e não por aquilo que ela “ainda não é”. A criança pequena, que está imersa no mundo construindo experiências inaugurais, não pode ser compreendida como alguém que *ainda não sabe*: “nessa idade, eles ainda não sabem”, “ainda não conseguem”, “têm dificuldade (para contar, para ler, para resolver conflitos, para entender as regras de trânsito...)”; “têm dificuldade em representar ideias através dos desenhos”; “muita dificuldade em manusear materiais como cola, tinta, pincéis”; “comem o giz de cera, amassam ou sujam folhas”; “ainda não conseguem falar, ainda batem, não sabem ficar na roda” etc.

Diante disso, é importante pensar que ouvir uma bela história é experiência suficientemente significativa, e deve ser valorizada pela importância de que as crianças pequenas tenham contato com a boa literatura e com textos que alimentem sua imaginação desde cedo. Não é necessário ler uma história PARA que as crianças aprendam conteúdos. Da mesma forma, o valor de movimentar-se livremente, correr, pular, subir, descer, explorar gestos e ritmos corporais não está em ensinar gestos PARA que as crianças os utilizem adequadamente em outras brincadeiras e demais situações de interação, e sim porque elas têm direito a conhecer seu próprio corpo e construir um repertório de gestos sobre os quais deverá ter governo próprio à medida que cresce.

2 – Viver valores

Uma das experiências mais belas e prazerosas que a creche pode proporcionar às crianças pequenas é estar em grupo, em convívio com outras crianças e no cuidado amoroso dos adultos. É assim, imersas num ambiente que as compreenda e que tenha como objetivo que sejam felizes, que gostem de si, que construam uma autoimagem positiva, mas onde ao mesmo tempo aprendam a ser generosas e respeitosas com todos, que as crianças aprendem a ser e a estar no mundo. E aqui fica o convite para avaliar a forma como contemplamos os valores em nosso trabalho com as crianças pequenas.

Bebês e crianças pequenas não constroem conhecimento de forma fragmentada; a aprendizagem mais eficiente de valores está na forma como seus educadores se comportam diante delas no encaminhamento de conflitos, ou na compreensão da predominância funcional do movimento na atuação sobre o mundo e nas interações com outras crianças - e que explica os pequenos incidentes que marcam tanto a convivência nesta faixa etária, mas que fazem parte das formas de conhecer e de se relacionar da criança até três anos. Valores como o respeito à diversidade étnico-racial são muito melhor ensinados quando esse respeito é vivido *realmente*, e não apenas tematizado em projetos, especialmente com crianças tão pequenas. Estas certamente podem aprender muito ao ver que seu próprio professor ou professora não discrimina e trata igualmente meninos e meninas, com características físicas

diversas, oferecendo seu colo, tratando-as com respeito e acolhendo a todos da mesma forma quando acontece algum conflito.

Da mesma forma, compartilhar e aprender a ser generoso não é algo que possa ser trabalhado apenas no “dia do brinquedo”, mas diariamente, como uma atitude para a vida.

É importante avaliar também a prática da “verificação”, emprestada talvez do Ensino Fundamental, e pensar no sentido que ela possui para as crianças pequenas. O exemplo da leitura de histórias serve novamente aqui: encher os ouvidos e olhos das crianças com belas palavras e imagens deveria ser suficiente, mas nem sempre parece ser. Assim, depois da história, continuamos a pedir que as crianças recontem, desenhem ou dramatizem. Essas atividades, longe de serem brincadeiras, tornam-se obrigações, quando não avaliações daquilo que as crianças “aprenderam sobre a história”. E é assim em tantas outras atividades vividas pelas crianças.

3 – As experiências com a natureza

O bebê e a criança pequena são “pequenos cientistas”, como se diz popularmente. E, de fato, a Educação Infantil oferece oportunidade de que vivam experiências de descoberta do mundo, dos objetos, de construir sentidos para as coisas, sentidos para o mundo. Estão vendo o mundo com olhos de “primeiridade” – e como seria bom se seus professores se lembrassem disso!

Mas que mundo é esse? Hoje é nossa responsabilidade lembrar que é um mundo que precisa ser cuidado, no qual a consciência ecológica é tão importante e as condições ambientais influenciam atitudes, a organização de ambientes e mesmo as relações entre os seres humanos. Por exemplo: certamente hoje não usamos a água como usávamos há dez anos. Ou não estávamos tão preocupados com o uso de pesticidas em nossas frutas e verduras. Ou ainda, não nos preocupávamos tanto em usar meios de locomoção que não poluam tanto o nosso ar. E é neste mundo – e não naquele em que nós, adultos, crescemos - que os bebês nascem e aprendem a viver. Mas o que isso tem a ver com a creche e com a educação de crianças de até três anos? Devemos elaborar projetos que as ensinem a usar a água com parcimônia? Talvez não apenas projetos. Esta é uma atitude *para sempre*, que deve ser vivida diariamente. O

uso da água, os segredos das plantas, o cuidado com os animais são temas que interessam e intrigam as crianças. Favorecê-los em nossos projetos pedagógicos é respeitá-las. As crianças estão imersas na complexidade deste mundo, em que não há sentido em mostrar o vermelho para somente então mostrar o verde. A Educação Infantil é um momento privilegiado para o contato das crianças com a natureza, com as Ciências, uma área que tanto tem a ver com as crianças pequenas, cientistas natos, ampliando sua relação com o mundo que as cerca.

4 – Por fim, o de sempre: encantar-se com as crianças, suas descobertas, e ser o parceiro ou parceira responsável pela organização de ambientes ricos para suas experiências

Educadores de bebês e crianças até três anos podem encantar-se, divertir-se e emocionar-se com as descobertas das crianças. Ser responsável por proporcioná-las é um privilégio; mas o bom professor ou professora pode também explicitar o que fez, como pensou, e por que desenvolveu determinada atividade – ou seja, refletir sobre ela.

É, de fato, um desafio imenso a formação de profissionais especialistas na educação de crianças bem pequenas em contextos brasileiros, que preservem aquilo que nosso país traz como marcas culturais, como o hábito de cantar acalantos, dançar ou brincar ao ar livre. Soma-se a isso a importância da compreensão da especificidade de seu papel e das diferenças existentes entre um professor ou professora especialista na educação de crianças pequenas e crianças maiores.

Por tudo isso é fundamental que as práticas de todo o país sejam registradas e compartilhadas, ajudando a iluminar o caminho de construção desta profissionalidade tão antiga e ao mesmo tempo tão original, que é a de educar crianças pequenas em ambientes coletivos.

Referências bibliográficas

FALK, J. (org.). Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy. Araraquara: JM Editora, 2004.

GOLDSCHMIED, E. e JACKSON, S. O brincar heurístico com objetos. In: Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2006.